



## “Cordelisando” o transexual: aspectos *queers* em *A mulher que virou homem no Sertão da Paraíba e casou-se* e *O homem que virou mulher*

Autor: Prof. Dr. Francisco Leandro de Assis Neto  
Universidade Vale do Acaraú

**RESUMO:** A literatura de cordel, por quase um século, foi considerada representante de uma região notadamente ligada a uma tradição na qual eram reforçados os ideais masculinistas, patriarcais e falocêntricos: o Nordeste brasileiro. Este artefato literário, não-raro, foi tomado como representante do “espírito nordestino”. Contudo, por meio deste artigo, pretendemos analisar duas personagens cordelísticas presentes nas obras *A mulher que virou homem no Sertão da Paraíba e casou-se* (SILVA, 1970) e *O homem que virou mulher* (CAVALCANTE, s/d), que permitem uma nova visada sobre o cordel nordestino, bem como a reformulação do imaginário temático sobre o qual versa esta literatura. Obras que apresentam personagens dissidentes da heteronormatividade e que propiciam o diálogo entre um gênero literário secular e teorias contemporâneas como os Estudos de Gays e Lésbicos até a Teoria *Queer*. Buscamos neste trabalho revelar que o cordelista se volta para assuntos de sua época, dentre eles a sexualidade, que o gênero cordel pode discutir de forma séria e livre temas relacionados à sexualidade humana sem que imprima em seus enredos preconceitos já tão cristalizados na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Literatura de Cordel. Transexualidade, Estudos Gays e Lésbicos. Teoria *Queer*

### Abstract

Cordel literature, for nearly a century, was considered representative of a region notably linked to a tradition in which masculinist, patriarchal and phallogenic ideals were reinforced: the Brazilian Northeast. This literary artifact was not rarely taken as representative of the "Northeast spirit." However, through this article, we intend to analyze two cordel characters present in the works *A mulher que virou homem no Sertão da Paraíba e casou-se* [The woman who became man in the Hinterland of Paraíba and got married] (SILVA, 1970) and *O homem que virou mulher* [The man who became a woman] (CAVALCANTE, n.d.), which allow new sight on the northeast cordel as well as their reformulation of the thematic imagery which this literature encompasses. Works that present characters who are dissident from the heteronormativity and who promote a dialogue between a secular literary genre and contemporary theories as Gay and Lesbian Studies and Queer Theory. In this paper we seek to reveal that the cordel author turns to issues of their time, including sexuality, which the cordel genre can discuss in a serious or free way, and topics related to human sexuality without printing on their plots prejudices already crystallised in the Brazilian society.

**Keywords:** Cordel Literature. Transsexuality. Gays and Lesbians Studies. Queer theory.

### INTRODUÇÃO

No Brasil, o cordel vem sendo produzido e consumido pelo menos há mais de cem anos, primeiros indícios da produção desta manifestação literária datam de fins do século XIX (LUCIANO, 2012). Todavia, as discussões levantadas pela crítica literária sobre este gênero resumiram-se à mera investigação de sua origem (“berço”) e como representava por meio de



suas temáticas a vida e os costumes do povo nordestino, principal consumidor e produtor do gênero. Por quase todo o século XX, o cordel foi posto na “periferia” literária, tratado quase como uma manifestação cultural endêmica, que se assemelhava mais ao folclore do que à literatura. Contudo, a partir da década de 1990, o cordel começa a ser encarado como uma manifestação brasileira e não somente nordestina; como um gênero literário, gradativamente deixando de ser encarado como folclore. Estudos como os de Márcia Abreu<sup>1</sup> (1993), Ana Maria Galvão<sup>2</sup> (2001), Joseph Luyten<sup>3</sup> (2007) e Aderaldo Luciano<sup>4</sup> (2012) tiveram grande contribuição para que esta nova visada se estabelecesse na academia, levando um sem número de discentes e pesquisadores a se debruçarem sobre o tema. Até o final dos anos 2000 vemos um considerável volume de pesquisas voltadas ao universo pedagógico do letramento e da história, entretanto, pouco ou nada se discutia sobre as relações de gênero e sexualidade nas temáticas dos cordéis.

Diante deste panorama, percebemos que obras que tratavam da sexualidade humana, das diversidades das dinâmicas eróticas eram, quase sempre, postas na esfera do “risível”, da “chacota”, dos cordéis de “safadeza” (ASSIS NETO, 2011), em lugar ainda mais subalterno que o ocupado por esse gênero literário. Reforçando a imagem de que esta literatura reforçaria o ideal machista e arcaico atribuído à região Nordeste. Todavia, percebemos em obras alocadas nesta “sub-categoria” cordelística o potencial para se discutir questões de representação sociais e relações entre corpo e gênero sob a ótica dos Estudos *Queer*.

Neste trabalho, escolhemos os cordéis *A mulher que virou homem no Sertão da Paraíba e Casou-se* (SILVA, 1970) e *O homem que virou mulher* (CAVALCANTE, s/d) para perceber que as instabilidades e deslizamentos acerca da identidade de gênero, representação social e a relação entre gênero e corpo já eram representados na literatura de cordel mesmo antes da elaboração e divulgação do que hoje é conhecido como Teoria *Queer*. A escolha destas obras não se deu de maneira aleatória, elas foram retiradas de um *corpus* de 28 obras

---

<sup>1</sup> ABREU, Márcia Azevedo de. **Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos - um estudo histórico-comparativo**. 1993. 340f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP

<sup>2</sup> GALVÃO, A. M. O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

<sup>3</sup> LUYTEN, J. M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

<sup>4</sup> LUCIANO, A. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. São Paulo: Luzeiro, 2012.



trabalhadas na tese intitulada *Da lógica binária aos Estudos Queers: sujeitos e performatividade em revista nos cordéis* (ASSIS NETO, 2015), que teve como universo de pesquisa importantes acervos, totalizando 35.094 exemplares.

A relação entre uma literatura tão específica e particular como a literatura de cordel com estudos que versam sobre a sexualidade humana por meio da filosofia e sociologia, primordialmente, só amplia a noção de que as literaturas de um modo geral nunca se encerram naquilo que parece ser superficial: características ensaiadas pela crítica que versam sobre a “receita” deste ou daquele gênero literário. No trabalho que hora apresentamos, faremos a análise literária a partir de estratos dos textos selecionados associados com vários aspectos das ciências humanas: sociologia, história, crítica literária, Estudos Gays e Lésbicos e, principalmente com autores que articulam a lógica *Queer*.

### **Desconstruindo corpos, construindo sujeitos**

A linha divisória entre as categorizações de sujeitos que divergem da heteronormatividade é, na maioria das vezes, confusa de ser apreendida pela sociedade. Sobretudo por aqueles que julgam estes indivíduos como sujeitos “menores”, “doentes” e/ou “pecadores”, ocorrendo a generalização de práticas, desejos e subjetivações que, na verdade, são tão legítimas e particulares quanto as formas de subjetivações dos heterocentros. Neste trabalho analisaremos como duas personagens das obras *A mulher que virou homem no Sertão da Paraíba e casou-se* (SILVA, 1970) e *O homem que virou mulher* (CAVALCANTE, s/d) são representados enquanto suas maneiras de dinamizarem seus gêneros e a relação que mantêm com seus corpos.

Inicia-se a análise pelo folheto *A mulher que virou homem no Sertão da Paraíba e casou-se* (SILVA, 1970) por se tratar de uma obra peculiar do ponto de vista histórico e sociológico. Nesta obra, observa-se a construção de uma personagem que atende à classificação de um homem trans<sup>5</sup>, pois trata de um sujeito interpretado como mulher ao nascer, mas que, durante seu desenvolvimento, compreende-se homem e recorre à cirurgia de

---

<sup>5</sup> Em alguns momentos, será utilizado o termo homem trans, que indicará o sujeito reconhecido biologicamente feminino ao nascer, mas que, entretanto, vê-se como masculino; noutros, o termo mulher trans, representando o sujeito reconhecido biologicamente como masculino, mas que se vê como feminino. Essas acepções serão encontradas em ALMEIDA (2012).



redesignação sexual, a fim de adequar o seu corpo biológico ao ideal de gênero que tinha para si.

A história contada por João Severo da Silva (1970) é a transposição para a poesia da história de um “personagem real”. Maria Olívia viveu, de fato, no Sertão da Paraíba, no município de Sousa. Por vinte anos<sup>6</sup>, existiu como mulher, vindo a descobrir, posteriormente, através de exames médicos, que possuía órgãos genitais masculinos internos, sendo o caso citado em documentos oficiais que legislam sobre os Direitos Humanos<sup>7</sup>.

Na verdade, tratava-se de uma má formação congênita. Ela possuía o que, aparentemente, seria uma vagina; no entanto, também possuía testículos. A ciência poderia classificar Maria Olívia como “hermafrodita” ou “intersexo”. No entanto, como explicar determinados impulsos naquele sujeito que não sabia de sua condição biológica?

Desde de pequena ela  
Brincava com meninas  
Mas no decorrer do tempo  
Suas brilhantes retinas  
Só admiravam mais  
Brincadeira masculinas.

Jogo de bola e caçada  
Muito lhe admirava  
Brincadeiras de bonecas  
Ela logo rejeitava  
Era o órgão masculino  
Que a si predominava.  
(SILVA, 1970, p. 03-04)

Perceber uma personagem com uma história tão significativa apenas como hermafrodita e/ou Intersex seria leviano. O narrador de Silva (1970) levanta a possibilidade de o comportamento humano ser “governado” pelos órgãos genitais e/ou hormônios que os corpos podem produzir. Ao longo deste trabalho, tentou-se refutar a possibilidade das

---

<sup>6</sup> Há uma divergência sobre a provável quantidade de tempo que Maria Olívia viveu como mulher entre o cordel analisado e o documento que cita o caso. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/181032>>. Acesso em: 20 dez. 2013. Contudo, preferimos utilizar os dados que o folheto nos fornece, por ser nossa base de análise.

<sup>7</sup> Tendem a ser cada vez mais numerosas as histórias como a de Omar Agnaldo do Nascimento, de 31 anos, que se submeteu à delicada operação para, depois de ter vivido 26 anos como Maria Olívia, desenvolver seus caracteres sexuais masculinos, tendo se casado no dia 20 de julho de 1975, no município de Souza, Paraíba, com Nelcina Casimiro de Souza, com a qual pretendia ter 11 filhos. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/181032>>. Acesso em: 20 dez. 2013.



performances de gênero sob o pretexto naturalista. Sendo assim, seria incoerente achar que “Maria Olívia” interessava-se por brincadeiras de meninos e posteriormente por meninas apenas pelo fato de ter o “o órgão masculino”.

Considerando-se a lógica levantada pelo autor, segundo a qual quem possuísse testículos necessariamente se interessaria pelo sexo feminino, se isso de fato ocorresse, a homossexualidade e tantas outras formas de sublimar o desejo sexual e as subjetivações pessoais não existiriam. Prefere-se entender a personagem de Silva (1970) como um homem transexual, uma vez que se acredita não ser apenas a presença de testículos “internos” os motivos que fizeram a personagem procurar a intervenção cirúrgica capaz de adequar seu sexo ao gênero que tinha para si.

O enredo mostra que a personagem tomou conhecimento dos órgãos internos somente após uma criteriosa investigação médica. Entretanto, há de se levar em conta que a obra poética é que está sendo analisada. Mesmo narrando um fato comprovável no plano do real, continua sendo literatura e, desta feita, produto da subjetividade de um autor. Portanto, o que se analisa aqui é a forma como o autor apresenta sua personagem, bem como o enredo construído a partir de sua história de vida. Não se pretende tomar a categoria social “homem trans” de maneira naturalizante, mediante um único viés de expressão a todos os indivíduos, mas ressaltar as marcas particulares daqueles que se inserem em alguns de seus traços gerais.

Depois da operação  
Perfeito homem ficou  
O povo se admirou  
Pois saiu como mocinha  
E como rapaz voltou

O povo falava dele  
Porem ele amava ela  
Ela não ouviu ninguém  
Foi fazer os gostos dela  
Ate que foi a Igreja  
De palma véu e capela.

Já se encontra tranquilo  
Sabendo o seu resultado  
Ele nasceu feminino  
Viveu e foi transformado  
Ele tem o seu mister  
Relembrando que foi mulher  
Ou que tristonho passado.  
(SILVA, 1970, p. 06-08)



O narrador sugere que Maria Olívia não só era reconhecida social e juridicamente como mulher, mas também apresentava o fenótipo feminino, carregando índices de feminilidade em seu corpo, os quais também são definidos culturalmente. Ele afirma que “ela” saiu de Sousa como “mocinha” e como “rapaz” voltou. Esta fala leva a crer que, assim como outros homens trans, Maria Olívia teve de ser submetida a todo um aparato estético, a fim de fazê-la masculino. Incorre-se, geralmente, em erro ao atribuir à transexualidade a cirurgia como caráter definidor do sujeito. Como aponta Áran (2010, p. 276-277), “[...] o conceito de transexualidade é bastante problemático do ponto de vista teórico e até científico. E sabemos que a construção do gênero ou os processos identificatórios são muito mais complexos do que a cirurgia”.

O narrador sugere que não só o “órgão sexual”<sup>8</sup> foi ressignificado, mas também as características indicativas de que a personagem fosse mulher, desde marcadores tidos como biológicos, como os seios e as formas arredondadas do corpo, até os socioculturais, como as roupas, o comprimento do cabelo, a pintura das unhas, maquiagem e todo o aparato estético exigido socialmente às mulheres. Mesmo entendendo que esses marcadores são relativizáveis, posto que alguns deles também podem ser aplicados ao sujeito masculino na atualidade, na década em que o cordel foi escrito (1970) e para a região na qual tinha maior consumo (Nordeste), esses aspectos eram imperiosamente associados à figura feminina.

Quando o narrador diz “O povo falava dele” (SILVA, 1970, p. 07), além de usar o pronome no masculino, já aceitando a nova condição da personagem, também evidencia a dificuldade, quase unânime, por que passam os sujeitos que entram em conflito com o gênero e/ou o sexo aos quais foram determinados no nascimento. Na expressão destacada, o narrador sugere que a personagem foi vítima de comentários maldosos e discriminação por parte da sociedade sertaneja de Sousa-Paraíba, fato agravado pela dimensão geográfica do lugar, facilitando que todos conhecessem a condição da personagem que, apaixonada, decide namorar uma menina do local.

Esse tipo de reação é a mais vista e a menos violenta em nossa sociedade, posto que as culturas possuem diferentes maneiras de reagir às diferenças no exercício da sexualidade, assim como são plurais as estratégias dos “dissidentes” em lidar com elas (VANCE, 1995).

---

<sup>8</sup> Usamos o termo entre aspas por corroborar as ideias de Preciado (2011), segundo as quais assim como o pensamento *queer* sugere uma desterritorialização da boca, vagina, pênis e ânus, o pensamento heterocentrado faz a manutenção da territorialização das áreas dos prazeres, dizendo que são ou não órgãos que podem ser utilizados para o sexo, ou seja, órgãos sexuais.



Contudo, o narrador também expõe a coragem tanto de “Omar Agnaldo”<sup>9</sup> quanto de sua amada em assumir publicamente um amor que causava estranhamento e repulsa a uma grande parcela da sociedade daquele local.

Pode-se reconhecer na obra de Silva (1970) um avanço na caracterização de indivíduos transexuais no que tange à representação desvalida de julgamentos condenatórios. O autor constrói uma trama em forma de cordel-notícia (ASSIS, NETO, 2011), sem deixar de imprimir sua subjetividade e ponto de vista sobre o enredo construído. Seu narrador pretende colocar-se de forma isenta à história que vai apresentar; entretanto, percebemos o posicionamento favorável à condição da personagem e sua união matrimonial: “Foi uma festa descente/De honradez e brilho” (SILVA, 1970, p. 08). O narrador vê decência numa união que despertou polêmica na região que, do ponto de vista fundamentalista religioso ou social, poderia ser condenável.

A relevância da obra também pode ser apontada pelo viés da visibilidade, pois autores e obras da literatura há certo tempo vêm explorando a diversidade existente na sexualidade, sobretudo nas sexualidades não convencionais, predominando a análise da transexualidade feminina (mulheres trans). Apresentar em um gênero literário considerado artefato popular uma obra baseada em um caso tão específico e rico sob os aspectos da subjetivação é pôr em evidência todo um estrato social negligenciado mesmo dentro dos movimentos e da literatura que procuram defender/estudar os direitos e as formas de subjetivação de minorias sexuais. Como argumentam Ávila & Grossi (2010, p. 01),

[...] são praticamente inexistentes no Brasil, estudos sobre transmasculinidade e que os transexuais masculinos, parecem ter menos visibilidade que as transexuais femininas, tendo em vista a ampla variedade de estudos sobre travestilidades femininas como os de Marcos Benedetti (2005), Don Kulick (1996, 1997, 1998), Roger Lancaster (1998) e Fernanda Albuquerque e Maurizio Janelli (1995), e transexualidade feminina, como o estudo de Berenice Bento (2006) em comparação com a quase inexistência de similares sobre transexualidade masculina.

Sendo assim, a obra de Silva (1970), mesmo sem ter pelo autor qualquer pretensão política, pode auxiliar a mudança do quadro exposto acima e motivar outras pesquisas que observarão aspectos que escaparam a este estudo. Além disso, a obra desfaz os aspectos de “tragédia humana” atribuídos ao enredo da vida de sujeitos como “Omar Agnaldo”,

---

<sup>9</sup> Nome que a personagem Maria Olívia adotou após a ressignificação sexual.



geralmente entendidos como erros ou fracassos da natureza. O autor vislumbra um desfecho condizente àquele merecedor de felicidade, que não se adequou à sociedade, mas, sim, à sua vontade, à imagem que tinha de si e não à imagem que fizeram dele.

Como foi dito anteriormente, a transexualidade feminina (mulheres trans) é uma categoria social que vem sendo trabalhada pela literatura médico-legal e ficcional durante todo o século XX, mantendo as mais variadas linhas de abordagem. Todavia, a observação deste fenômeno dentro do “universo cordelístico” ainda consiste em um trabalho de minuciosa investigação, sobretudo no que concerne a obras cujo fim maior não é a militância política sobre as questões de gênero.

Em: *O homem que virou mulher* (CAVALCANTE s/d), é apresentada uma personagem que, entendendo-se como mulher, recorre à cirurgia de redesignação sexual para adequar seu corpo ao gênero com o qual se identificava. Esta obra se torna particular para nossa análise por apresentar um enredo que, de muitas maneiras, evidencia o trabalho e o sofrimento infligidos ao transexual na sociedade, além de funcionar como ponto de correlação às ações políticas discutidas por autores que articulam o pensamento *queer* na atualidade.

O cordel de Cavalcante (s/d), mesmo não se pretendendo militante, enreda questões levantadas na atualidade e em vários meios políticos que discutem os direitos das pessoas transexuais. O aspecto mais urgente relaciona-se ao acesso restrito à cirurgia de redesignação ou transgenitalização sexual:

Como a operação seria  
Realmente complicada  
O médico disse-lhe: “vai ser  
Uma quantia elevada”  
Airton foi trabalhando  
Todos os dias lutando  
E a operação foi chegada.

Dois milhões o médico  
P’ra “ela” ser operada  
Entretanto, mais seria,  
Dessa quantia avultada  
Porque outra operação  
Teria a confirmação  
P’ra “ela” ser transformada.  
(CAVALCANTE, s/d, p. 05)

A personagem de Cavalcante (s/d) traz uma questão premente àqueles sujeitos que vivem a transexualidade: a falta de recursos para a realização da cirurgia de redesignação





sexual – clímax do processo de adequação de gênero por que passam transexuais masculinos e femininos. Este é um aspecto que faz refletir sobre mais um ponto das vidas de sujeitos abjetos e/ou *queer*, qual seja, a influência da situação socioeconômica em suas vidas e como isso pode afetar a construção de sua subjetividade. O acesso a aparelhos capazes de propiciar o alinhamento entre o corpo e o ideal que o sujeito tem de si é um processo que engloba não apenas sujeitos transexuais ou desviantes de premissas heterocentradas. Para Preciado (2011, p. 12),

o império dos normais desde os anos 50 depende da produção e da circulação em grande velocidade dos fluxos de silicone, fluxos de hormônios, fluxo textual, fluxo das representações, fluxo das técnicas cirúrgicas, e, em definitivo, fluxo de gêneros. Obviamente, nem tudo circula de maneira constante, e, além disso, nem todos os corpos obtêm os mesmos benefícios desta circulação [...].

A autora sinaliza a dinâmica da sexualização dos corpos promovida desde Money<sup>10</sup>. O trabalho empreendido para a “construção” de corpos é variado em técnicas, resultados e motivações. Desde a década de 50 do século passado, essas técnicas são aplicadas na tentativa de construção e/ou adequação à normalidade sexual. Ou seja, em um primeiro momento, eram utilizadas a fim de “adequar” os sujeitos à lógica binária macho/fêmea ou ao ideal que se tinha dessa relação.

Porém, no decorrer do mesmo século, técnicas que, a princípio, contribuíam para a manutenção da lógica binária foram apropriadas por indivíduos cujas existências questionavam essa mesma lógica, como as travestis que fazem uso de hormônios femininos, próteses de silicone e cirurgias para suavizar o fenótipo masculino, embora não desejem ter o pênis retirado nem fixar sua performance erótica apenas como passiva. Já os/as transexuais, além das mesmas técnicas utilizadas pelas travestis, possuem um estado psíquico feminino que os/as levam a almejem a cirurgia de redesignação sexual como concretização de sua feminilidade.

Então, pode-se perguntar se as transexuais não estariam aderindo à lógica binária, não havendo nesta “aderência” um movimento efetivo que possa ser reconhecido dentro da lógica *queer*. Entretanto, percebe-se no trabalho das transexuais a instabilidade de gênero requerida

---

<sup>10</sup> Jonh Money foi pioneiro no uso das noções de gênero para abordar a possibilidade de modificar, por meio de cirurgias e aplicação de hormônios, a morfologia sexual de crianças intersexuais e de pessoas transexuais. Ver Money et al. (1982).



pelo pensamento *queer*. Além de reforçar que a “natureza erra” e que alegações de fundamentalistas religiosos sobre “a criação” podem não se sustentar diante de pessoas trans.

O acesso não é algo comum a todos que almejam a cirurgia. O narrador de Cavalcante (s/d) aponta que “Jaqueline”<sup>11</sup> teria de passar “os dias lutando” até amealhar a “quantia avultada” que custearia sua cirurgia. Esta foi<sup>12</sup> a realidade de muitas pessoas transexuais desde que a cirurgia foi disponibilizada ao público. No entanto, o processo e a fila de espera aos quais o “candidato” é submetido no Sistema Único de Saúde muitas vezes o faz procurar alternativas para a realização da cirurgia, como a ida a países em que médicos, a maioria de forma clandestina, realizam-na.

Contudo, a maioria dos transexuais (e travestis) goza de muito pouco poder aquisitivo como apontam estudos de Sousa; Ferreira e Sá 2013; Benedetti, 2005; Kulick, 2008, fazendo com que a “oportunidade” oferecida pelo Governo Federal seja a única saída para que possam, enfim, concretizar a adequação do seu corpo ao seu ideal de subjetivação. A personagem de *O homem que virou mulher* percorre um longo caminho de paciência e perseverança até alcançar seu tão sonhado corpo feminino. Trabalhando como vedete em um teatro da cidade, ela consegue economizar a quantia exigida pelo médico. No entanto, até isto acontecer, “Jaqueline” passa pelos mesmos conflitos que acometem tantas outras como ela.

Dizia Airton há dois anos  
- “Eu prefiro até morrer  
Que continuar como homem  
Não me interessa a viver  
Sou mulher e para isto  
O meu desejo conquisto  
Pois homem não quero ser!

Jaqueline já esteve  
Em tempo de enlouquecer  
Até mesmo suicídio  
Ela procurou fazer  
Agora está descançada  
Num hospital internada  
Sem pensar em morrer!  
(CAVALCANTE, s/d, p. 06-07)

<sup>11</sup> Nome adotado pela personagem de Cavalcante (s/d) após sua “transformação”.

<sup>12</sup> O processo de transexualização foi instituído no Sistema Único de Saúde (SUS) pela portaria n. 1.707 do Ministério da Saúde em 18 de agosto de 2008.



A obra traz uma realidade vivida por muitas pessoas transgêneras: o sofrimento por “habitar” um corpo que não corresponde ao seu gênero. Este tipo de questão é amplamente discutido por Butler (2009) e Bento & Pelúcio (2012). As autoras questionam a tripla relação entre transexualidade, diagnóstico e patologia. Butler (2009) direciona seu texto para as regras dos planos de seguro-saúde americanos, enquanto Bento & Pelúcio (2012) investigam o Sistema Único de Saúde.

Contudo, ambas dispensam atenção especial sobre a urgência de se reavaliar as circunstâncias do diagnóstico de Transtorno de Identidade de Gênero (TIG) por parte do Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM)<sup>13</sup>. Butler (2009) aponta que o documento não leva em conta o peso que a transexualidade exerce principalmente na vida de pessoas jovens:

O DSM não fala de suicídio, ainda que saibamos que a crueldade da pressão dos colegas adolescentes nas pessoas jovens transgêneras pode levar ao suicídio [...]. Aparentemente, o “sofrimento intenso” inerente ao fato de se viver em um mundo no qual o suicídio e morte violenta são graves questões que não fazem parte do diagnóstico de TIG (BUTLER, 2009, p.120-121).

A autora aponta a “insensibilidade” do diagnóstico de transtorno de identidade, que não releva as tristes estatísticas de tentativas e de suicídios dentro da população de transgêneros no mundo. “Jaqueline” (a personagem cordelística) mostra que a incoerência corporal pode/traz prejuízos psicológicos àquele que por ela passa. Até mesmo uma personagem descrita de maneira afirmativa, com qualidades admiráveis no plano da realidade, como perseverança, coragem e ousadia, em determinado momento de sua vida pensa em suicídio, sofre por não perceber “consistência” entre seu corpo e seu gênero, não identificando nesta “inconsistência” algo afirmativo, uma oportunidade de se subjetivar de várias maneiras, de “estar” e não de “ser”.

No entanto, este “intento autodestrutivo” não domina “Jaqueline” que, de certa maneira, mostra-se sagaz em se apropriar dos aspectos positivos que via em seu corpo – cabelos compridos, busto saliente e formas arredondadas – para, como vedete, amealhar recursos e alcançar o objetivo da cirurgia de redesignação sexual. Assim como a personagem

---

<sup>13</sup> O Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais é uma publicação da American Psychiatric Association, de Washington D.C., sendo sua 4ª edição conhecida pela designação DSM-IV e 5ª conhecida como DSM-V, atualizada em maio de 2013. Disponível em: <<http://www.dsm5.org>>. Acesso em: 20 dez. 2013.



apropria-se e ressignifica seu corpo – aquilo que a fazia sentir-se abjeta –, Butler aponta a apropriação do diagnóstico de TIG e sua ressignificação por parte da pessoa transexual:

Algumas vezes, o diagnóstico assassina a alma; e, algumas vezes, torna-se um fator para o suicídio. Assim, o que está em jogo neste debate é altamente importante, pois parece ser, afinal, uma questão de vida ou morte; para alguns, o diagnóstico parece significar a própria vida e, para outros, o diagnóstico parece significar a morte. Para outros, ainda, ele pode muito bem ser uma benção ambivalente ou, de fato, uma maldição ambígua (BUTLER, 2009, p. 98).

O diagnóstico exerce diferentes efeitos nos sujeitos submetidos a ele. Segundo a autora, pode provocar desde a desestruturação emocional até a libertação de uma condição insuportável. A salvação de que fala Butler (2009) advém do diagnóstico ser requisito básico para que os seguros de saúde americanos custeiem a cirurgia de redesignação de sexo. No Brasil, a cirurgia é custeada pelo Estado; entretanto, o diagnóstico de TIG também é necessário.

Desta forma, para ter direito ao custeio do procedimento, o/a transexual, inevitavelmente, terá que ser classificado/a como portador/a de um transtorno, ou seja, portador/a de uma patologia clínica. Bento & Pelúcio (2012) empreendem uma discussão que vai além. Sua fala é carregada de um tom militante no discurso sobre a reivindicação da retirada da transexualidade do quadro de transtornos mentais do DSM. Nem mesmo o risco de suicídio é encarado por elas como argumento forte o bastante para ver nestas pessoas algum tipo de transtorno:

O critério fundamental para definir o “transexual de verdade” seria a relação de abjeção, de longa duração, com suas genitálias. Para evitar que cometam suicídio as cirurgias deveriam se recomendadas a partir de um rol de procedimentos [...] (BENTO & PELÚCIO, 2012, p.571).

De fato, concorda-se com Bento & Pelúcio (2012), quando criticam o critério que toma o suicídio como resultado do completo sentimento de abjeção sobre as genitálias pelo transexual. Entende-se o suicídio como o resultado de uma gama de fatores associados, os quais abrangem desde as relações de preconceito vividas pelos transexuais até a própria repulsa que possa vir a sentir pelo seu corpo ou órgão genital.

Desta forma, o que constatamos na personagem “Jaqueline” não é o sofrimento pelo diagnóstico de TIG. Tal sentimento advém de sua própria condição enquanto transexual, o



que fica evidenciado na fala “Eu prefiro até morrer/Que continuar como homem” (CAVALCANTE, s/d, p. 06). Assim, não se acredita que o diagnóstico possa desestabilizar o indivíduo a ponto de fazê-lo tirar a própria vida. Portanto, também se vê que a condição da transexualidade não consiste em patologia, em transtorno mental merecedor de fazer parte de um documento ao lado de sérias psicopatias.

A condição do transexual na sociedade é preocupante, uma vez que, além de sofrer como alvo de homofobia, a estas pessoas não são dadas as mesmas oportunidades de emprego e acesso aos serviços básicos dos aparelhos governamentais. Por exemplo, o direito à educação lhes é oferecido, mas não se oferece qualquer garantia de tratamento igualitário por parte de alunos, professores e funcionários da escola. Isto faz com que a taxa de escolaridade entre estes indivíduos seja baixa, conduzindo-os a não progredir em pé de igualdade no mercado de trabalho (SOUZA; FERREIRA; SÁ, 2013).

Assim, Cavalcante (s/d) apresenta uma personagem que sofre as agruras comuns à maioria dos transexuais no Brasil e no mundo. O autor, com sensibilidade e respeito, registra em forma de cordel a vida de uma personagem que vence o sofrimento e o preconceito, conseguindo alinhar o seu sexo ao gênero com o qual se identifica.

As personagens cordelísticas propiciam a reflexão política acerca do enfrentamento de violações dos direitos das pessoas que transcendem os limites impostos pela lógica binária e pela heteronormatividade, principalmente no que diz respeito à designação sexual baseada na aparência, seja do corpo ou dos órgãos genitais.

As personagens analisadas demonstram que a ideia de corpo como um “templo sagrado”, como o continente feito e cedido por Deus para a alma humana não se sustenta mais, pelo menos não com tanta solidez, desde o século passado. Os corpos desses indivíduos mais se assemelham a uma “porta” por onde transita um fluxo contínuo de significações. O corpo é mantido como um canal de conexão com o mundo, pelo qual o sujeito empreende seu trabalho de subjetivação.



## REFERÊNCIAS.

\_\_\_\_\_. **Da lógica binária aos Estudos *Queer*: sujeitos e performatividade em revista nos cordéis.** 2015. 249f. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, [s.n.].

ABREU, Márcia Azevedo de. **Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos - um estudo histórico-comparativo.** 1993. 340f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.

ALMEIDA, G. Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 2, n.20, mai/ago 2012, p.513-523.

ÁRAN, M. A saúde como prática de si: do diagnóstico de transtorno de gênero às redescrições da experiência da transexualidade. In: ARILHA, M.; LAPA, T. S.; PISANESCHI, T.C. **Transexualidade, travestilidade e direito à saúde.** São Paulo: Oficina Editorial, 2010.

ASSIS NETO, F. L. de. **O deslocamento de gênero e as configurações de masculinidades no cordel.** 2011. 147f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidades) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, [s.n.].

ÁVILA, S.; GROSSI, M. P.; Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina. **Fazendo gênero IX: diásporas, diversidade, deslocamentos**, 2010. Florianópolis. **Anais eletrônicos.** Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/12788155349\\_ARQUIVO-Maria,MariaJoao,Joao040721010.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/12788155349_ARQUIVO-Maria,MariaJoao,Joao040721010.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2014.

BENEDETTI, M. R. Hormonizada! Reflexões sobre o uso de hormônios e tecnologia do gênero entre travestis. In: FRÁBREGAS-MARTÍNEZ, A. I.; BENEDETTI, M. R. (Org.). **Na batalha: identidade, sexualidade e poder no universo da prostituição.** Porto Alegre: Dacasa, 2000. p. 47-62.

BENTO, B.; PELUCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20 (2): 256, mai/ago. 2012. P. 569-581.

BUTLER, J. Desdiagnosticando o gênero. Tradução de André Rios. **Physis**, Rio de Janeiro, ano 1, v.1, n.19. p.95-126, 2009.

CAVALCANTE, R.C. **O homem virou mulher.** Salvador: [s.n]. s/d.

GALVÃO, A. M. O. **Cordel: leitores e ouvintes.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.



KULICK, D. The gender of Brazilian transgendered prostitutes. **American Anthropologist**, v.99, n. 3. p. 574-585, 1997.

LUCIANO, A. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. São Paulo: Luzeiro, 2012.

LUYTEN, J. M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MONEY, J.; EHRHARDT, A. A. **Desarrollo de la sexualidade humana**. Madrid: Morata, 1982.

PRECIADO, B. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, Florianópolis, 2011, p.11-20.

SILVA, J.S.da. **A mulher que virou homem no Sertão da Paraíba e casou-se**. [S.I]: [s.n], 1970.

SOUSA, P. J. de; FERREIRA, L. O. C. and SA, J. B. de. Estudo descritivo da homofobia e vulnerabilidade ao HIV/Aids das travestis da Região Metropolitana do Recife, Brasil. **Ciências & Saúde coletiva**. v. 18, n. 8, Rio de Janeiro, 2013. p. 2239-2251.

VANCE, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis**, 1995, v. 5, n. 1, p. 7-29.